

**S**ó a poesia tem o mágico poder de superar as deficiências e falhas humanas e, transpondo obstáculos do reino temporal, resgatar para as almas simples o bom-senso e a autoestima.

O risco de acreditar-se numa utopia alheia por ignorância ou ingenuidade é lamentável, mas com perdão para os inocentes; mas, com a finalidade de proveito pessoal, é humanamente insuportável. Ainda bem que alguns, antes da tentação ou presentindo-a, como Cristo, foram ao Monte das Oliveiras, jejuaram e oraram durante 40 dias e 40 noites consecutivos. Esses não se deixaram seduzir pelas propostas de mitos salvacionistas da espera. A poesia de Bandeira Tribuzi também não. Ela só é fiel dizimista da verdade interior e expõe frontalmente a ferida, a chaga escancarada no lado esquerdo. Sim, a poesia de Bandeira Tribuzi mostra o desencanto, a decepção, a vergonha, o sonho escamoteado, o ideário traído. Subjetivamente, o inconsciente coletivo aflora e age no poeta que denuncia um mito falso, sem ícone, arquétipo ou paradigma, que lhe credite sustentação.

Sem dúvida, escritores e ensaístas, poetas e políticos, magistrados e mestres, adultos e crianças, por admiração, paixão ou conveniência, de criar um mito conveniente, se equivocaram com as promessas messiânicas de slogans, como *Maranhão Novo* e *Um Grande Maranhão Para Todos*, cujo poder de manipulação midiático é estonteante. A poesia de Bandeira Tribuzi não. A obra *Consumo & Dor* é essa confissão sobre o falso Jardim e o perigoso Eldorado. No bosque, o Lobo Mau. E foi perigoso para Alice (figura feminina que representa a alma dos poetas) passear pelo movediço Estado das Maravilhas.

Os eventos culturais de maior relevância da semana passada foram a inauguração da livraria Albatroz, Letras & Café, do cineasta e empresário Frederico Machado, e o lançamento simultâneo do livro *Nomes & Nuvens*, da escritora Arlete Nogueira da Cruz, com maiores detalhes na página 3 deste suplemento.

Na quarta página desta edição, o poeta e compositor Cesar Teixeira desengaveta uma obra inédita de Joãozinho Ribeiro, também compositor musical e poeta. Cesar Teixeira analisa uma belíssima poesia autobiográfica, moderníssima, que traz à tona o lado metafísico-social de um poeta engajado nas lutas de classe contra as injustiças sociais. Paralelamente ao *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar, Joãozinho Ribeiro nos dá um descortínio memorialístico desse Maranhão subterraneamente sofrido, do qual todos gostariam de falar, num desabafo. O poeta, no entanto, é esse porta-voz dos humildes.

# BANDEIRA TRIBUZI: DO ELDORADO DO MARANHÃO NOVO AO CONSUMO & DOR DA VIDA

(ou seja, Da Verdade Subjetiva no Reino Utópico da Megalomania)

**A**ntenado, atualizadíssimo, Bandeira Tribuzi teve a intuição da linguagem poética que ficaria transitiva no século XX, desaguando no Terceiro Milênio, como escrita mais emergente.

Ao contrário dos simbolistas que optaram pela metáfora e as aliterações, Bandeira Tribuzi privilegiou a linguagem **zaúm** dos poetas transracionais russos, elegendo a metonímia e o cavalgamento ou enjambement. Ao contrário de poetas de elite ou grupos fechados, investiu na fatura da linguagem das ruas, valendo-se de coloquialismos e neologismos, apropriando-se da linguagem oral de domínio público, identificando-se, assim, com as massas, conforme o fizeram Maiakóvski e Khlébnikov na Rússia. Assim, a matéria de seus poemas é o tempo presente, o cotidiano, como o foi a de Carlos Drummond de Andrade.

Se de um lado, por imperativos do contexto político nacional e internacional do qual não passou à margem, mas vivenciou visceralmente e nele se inseriu como sujeito, elenca a poesia social, também investe na satírica, na amorosa e na erótica. Mesmo os poemas sociais têm um matiz lírico, um recorte amoroso, porque mesmo não existe antipoesia, senão o poético discretamente camuflado, o subjetivismo discreto, próprio das pessoas simples. Não se trata mais de uma postura romântico-condoreira de discurso oratorial de bombástica retórica, mas de um dis-

curso poético em que o "eu-lírico" está presente permanentemente como essencial.

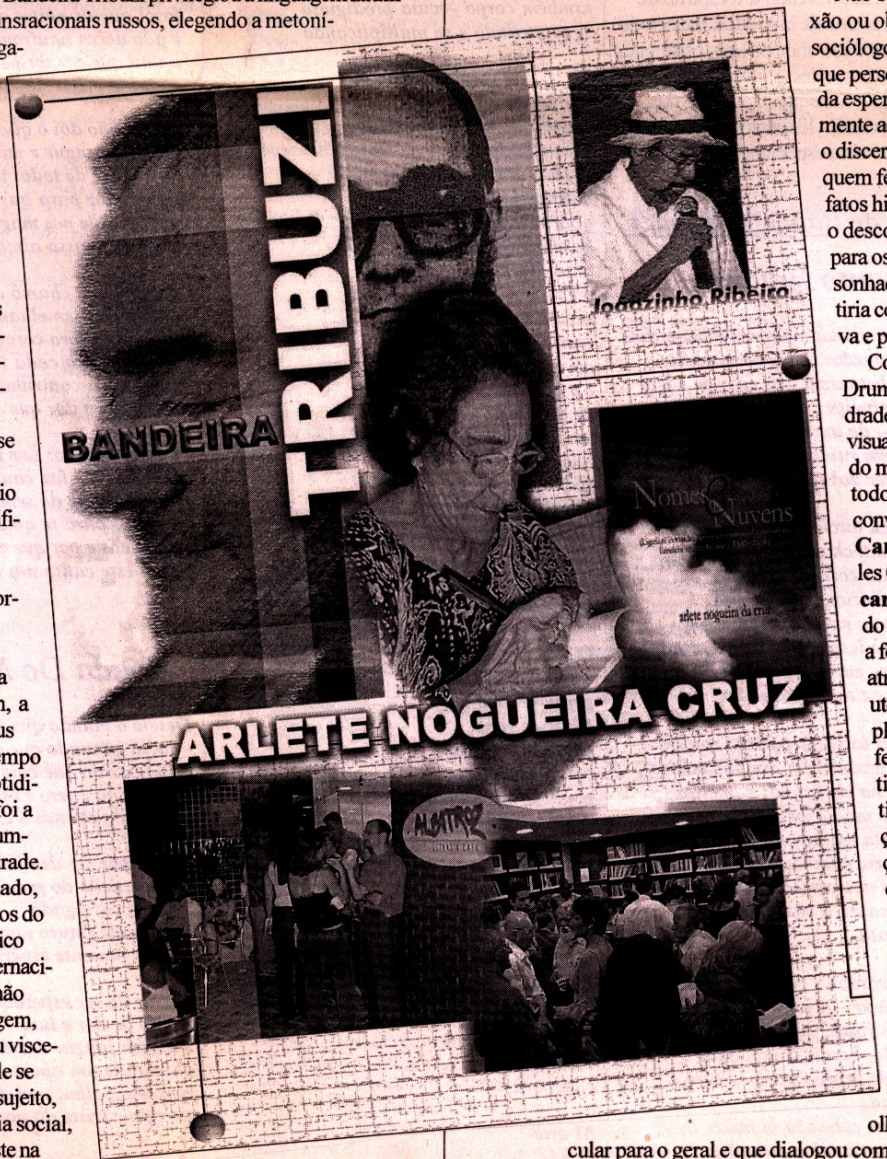
Diante dos dramas, deflagrados pelas revoluções, ele vê sempre uma saída para o povo e, como Karl Marx, crê na vitória do proletariado.

Não se trata da paixão ou obsessão de um sociólogo visionário que persegue um mito da espera messiânica, mas o discernimento de quem fez a leitura dos fatos históricos e teve o descortínio do que, para os simplesmente sonhadores, só existiria como expectativa e perplexidade.

Como Carlos Drummond de Andrade, ele também visualizou um mundo melhor para todos, em que convivesses o **Carlitos** de Charles Chaplin e os **carlitos** do mundo inteiro. Intuíu a felicidade, não através de uma utópica cidade platônica, perfeita e aristocrática, mas a partir de concepções e convicções práticas de vivência e de quem fez a leitura da história da humanidade, de seu país e de seu estado. Uma visão de quem

olhou do parti-

cular para o geral e que dialogou com um mundo que se permite conviver com as fraturas, as imagens desfocadas. Porque só é possível viver-se plenamente se se concordar que a vida, de fato, está também e, principalmente, no flagrante e não só no fragrante, desodorizado, asséptico e maquiado. E Tribuzi captou e capturou isso em seus textos, os instantaneísmos e simultaneísmos da vida colhidos através de flashes, toma-



Apoio **ALUMAR**  
Cultural **ALUMAR**